

3. Ciencias Políticas y Sociales

“Diversão e Trabalho Sérió”: percepções sobre trabalho e lazer na produção da cultura sound system no interior do estado de São Paulo

Silva de Souza, Marla Manuela; marlamanuela@hotmail.com

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Resumo

A presente pesquisa busca analisar as relações que permeiam o trabalho de equipes de *sound system* no município de São Carlos-SP. Os *sound systems* são sistemas de som projetados de forma específica a prover uma experiência acústica de imersão durante a reprodução de faixas de música que compõem o estilo musical denominado *reggae music*. As equipes de *sound* são responsáveis por operar este sistema e fazer a seleção das faixas a serem tocadas nos eventos, além de organizar e promover os mesmos. O objetivo geral desta pesquisa é compreender as formas sob as quais o trabalho é compreendido e realizado por estas equipes, considerando essencialmente os discursos mobilizados por estas ao falar de suas atividades. Henriques (2011) aponta como um evento de *sound system* é constituído pela imersão sonora propiciada pelo sistema de som, pela interação direta entre equipe e público e pela mobilização de significantes historicamente construídos na trajetória da cultura *sound system*, sendo estes carregados de um caráter ideológico de resistência e coletividade. Na produção da cultura *sound system* então, o trabalho artístico, já marcado por questões características como a hiper-flexibilidade e o vínculo afetivo com o trabalho realizado, é atravessado por uma dimensão político-cultural, o que torna suas interações um complexo objeto de pesquisa para a Sociologia do Trabalho, mais especificamente voltada para o trabalho artístico. Metodologicamente, a pesquisa é amparada em trabalho de campo realizado em eventos de *sound system* da cidade de São Carlos desde o começo de 2018 e em entrevistas que estão sendo realizadas com integrantes de equipes de *sound system* da cidade, elaboradas a partir de bibliografia específica sobre o trabalho e o trabalho artístico.

Palavras-chave: trabalho artístico; *sound system*; resistência cultural

Introdução

Inserindo-se no campo de debate da sociologia do trabalho, mas especificamente voltado para a discussão sobre o trabalho artístico, esta pesquisa propõe-se a pensar as relações que permeiam o trabalho de equipes de sound system no interior do estado de São Paulo. Os sound systems, figura central da composição desta cultura, consistem em potentes sistemas de som projetados e construídos de forma a acentuar e valorizar as frequências graves dos chamados tunes, faixas de música que compõem o amplo estilo reggae music. As equipes de sound são responsáveis por operar este sistema e fazer a seleção dos vinis nos bailes, além de participar ativamente na organização e promoção dos mesmos. Entre estes interlocutores, a produção desta cultura desponta, simultaneamente, como paixão pessoal e forma de resistência cultural e as relações de trabalho são construídas em um contexto no qual os sujeitos se apoiam e se aproximam em níveis de amizade e parceria. Partindo disto, esta pesquisa se propõe a compreender as formas sob as quais o trabalho é compreendido pelos integrantes dessas equipes no processo de produção da cultura sound system considerando essencialmente os discursos mobilizados por estes ao falar de suas atividades.

Para desenvolvimento desta análise, compreende-se a importância de

dois pilares de observação: um orientado pela investigação dos discursos dos atores do meio da cultura sound system sobre seu trabalho e atividades e outro que se debruça sobre o contexto de precarização das condições de trabalho, uma vez que o trabalho artístico vem a constituir “verdadeiros laboratórios de flexibilidade” (MENGER, 2002) e esta precarização se dá conjuntamente a um discurso positivado sobre flexibilidade (SEGNINI, 2007), que acaba por aproximar as dinâmicas do trabalho artístico das dinâmicas de outros trabalhos formais.

O trabalho artístico constitui-se, majoritariamente, em períodos de trabalho de curta duração, vínculos e projetos pontuais e por ter como diferencial decisivo para a entrada e permanência no meio a diversificação de atividades e experiências, que conferem ao artista maior reconhecimento e credibilidade. Assim sendo, o resultado do trabalho no fazer artístico não está exclusivamente ligado ao trabalho do artista, mas sim também ao trabalho de outros profissionais envolvidos e do público que o recebe, que possibilitam esta diversidade em seu repertório profissional (BLASS, 2009). É necessário, portanto, para analisar os discursos de integrantes de equipes de sound system, compreender as formas sob as quais estes discursos sobre flexibilidade atuam sobre o trabalho, o trabalho no fazer

artístico e a forma como o trabalho é percebido.

As equipes de sound system são formadas por operadores, seletores e mestres de cerimônia e seu trabalho consiste em planejar, organizar e conduzir bailes onde diversas vertentes de reggae music são tocadas em seleção em vinil, sempre considerando a ênfase em frequências graves e seu potencial de vibrar os corpos presentes. Num baile de sound system não há palco e a interação entre a equipe e o público é fundamental. A disposição das caixas e da mesa de som é pensada de forma a instigar a dança e a imersão na experiência sonora. Através de gritos de *pow*, o público reage aos tunes selecionados e orienta, numa via de mão dupla, a ação da equipe. As equipes podem ou não ter um sistema de som próprio, sendo comum, quando ainda não têm seu próprio sistema ou mesmo quando já o têm, equipes fazerem a seleção ou *warm up* em bailes amplificados por sistemas de outras equipes. Estas interações de trabalho entre equipes é perpassada pelo propósito maior de manter e valorizar a cultura sound system e resulta na criação de vínculos pessoais entre os sujeitos.

Ao discutir o significado do trabalho nas indústrias criativas, Bendassoli e Borges- Andrade (2010) apontam como o trabalho, quando voltado para a cultura e as artes, tem o potencial de materializar a identidade do artista

criando assim um vínculo afetivo que agrega e intensifica o valor total de seu trabalho em sua vida, bem como o valor social do trabalho exercido vem também a potencializar ainda mais este valor total. No caso dos membros das equipes de sound system, o potencial de resistência cultural de seu trabalho, seu valor social, é resultado da construção histórica da cultura sound system, originária da Jamaica, e compõe parte essencial do trabalho das equipes, que manejam a todo tempo num baile as referências que esta cultura carrega. Para além disto, está na subjetividade dos membros da equipe a capacidade de reagir ao público para animar e conduzir o baile, tendo então muito de sua identidade materializada através desta atmosfera que cria. Assim sendo, é possível apontar uma forte centralidade do trabalho para estes artistas/trabalhadores.

Uma consequência apontada da alta centralidade de um trabalho na vida de quem o exerce é o desenvolvimento de envolvimento afetivo com este trabalho e atividade. Este envolvimento afetivo leva a fronteiras não bem delimitadas entre trabalho e não trabalho, lazer e trabalho, vida pessoal e vida profissional, diversão e trabalho (BENDASSOLI, BORGES ANDRADE, 2010). Este borramento de fronteiras é reconhecido pelos trabalhadores envolvidos com os sound systems e é trazido a tona pelos mesmos em suas falas, não apenas em relação a

suas vidas na esfera pessoal, mas, também, em relação a percepção do público sobre as atividades das equipes de sound system. Ao compreender seu trabalho como, também, fonte de diversão e prazer, os envolvidos com a cena sound system buscam destacar para o público e reforçar, para si mesmos e para os outros, o caráter profissional ou de trabalho destas atividades.

Ao cantar “é sound system, é diversão trabalho sério”, na música Tupinikingston (2009), Monkey Jhayam, consolidado cantor da cena de sound system no estado de São Paulo, destaca as faces opostas e complementares deste fazer artístico. A importância de compreender-se o fazer do baile enquanto um trabalho sério está diretamente vinculado ao reconhecimento dos atores envolvidos neste fazer enquanto trabalhadores, o que é fundamental para obtenção de retorno financeiro e valorização do seu trabalho. Esta compreensão é relevante para estes atores também por trazer a tona a forma como, ao manter e fortalecer a cultura sound system, estão mantendo vivos significados e mensagens de força e resistência, que surgem no contexto jamaicano dos anos 60 e perduram até os dias atuais. Trata-se de um compromisso com uma missão para além de um compromisso de trabalho e este aspecto é encarado com seriedade e disciplina por estes sujeitos.

No estado de São Paulo, o primeiro sistema de som a surgir e se consolidar, o Dubversão Sistema de Som, aparece em 2001 na capital paulista e, em mais de uma década que se segue ao seu surgimento, pode-se observar pela capital e interior, o surgimento de novas equipes e novos sistemas de som, que a todo momento precisam se articular para produzir eventos, inclusive conjuntamente entre si. No interior do estado, mais especificamente na cidade de São Carlos, a movimentação da cultura sound system também pode ser observada, despontando no município diversas equipes ao longo dos anos, encontrando-se agora em momentos diferentes de consolidação.

A participação com observação participante em diversos bailes na capital e interior do estado de São Paulo foi ferramenta central para o estabelecimento de contatos que operam como informantes chave para o desenvolvimento da pesquisa. Foi através da ida aos bailes também que uma maior compreensão acerca do funcionamento desses eventos e suas principais características foi alcançada, permitindo tanto a elaboração das questões aqui apontadas quanto do próprio questionário utilizado nas entrevistas. A pesquisa busca, então, perceber e analisar as formas como os discursos que envolvem resistência cultural e vínculo afetivo com as atividades realizadas atravessam e

compõem a prática e entendimento do trabalho por parte destes produtores de cultura sound system. Nossas análises estão centradas principalmente nas equipes de sound system e nos bailes realizados na cidade de São Carlos e a pesquisa está sendo conduzida a partir de entrevistas com roteiro semiestruturado e observações realizadas nos bailes, registradas em diário de campo.

Objetivos

Objetivo geral:

A pesquisa busca analisar as relações entre integrantes de equipes de sound system no município de São Carlos, focando em como os discursos sobre trabalho são mobilizados por estes em suas interações e em como estes percebem e compreendem este trabalho, uma vez que são estes próprios interlocutores que destacam o caráter laboral de suas atividades, vinculando a mesma à noção, também, de diversão. Pretende-se, com isso, visibilizar novas formas de interação de trabalho que se propõem, num contexto profundamente atravessado por aspectos políticos, a ser resistência frente a uma dinâmica laboral capitalista ao construir laços em níveis pessoais de apoio mútuo e parceria entre seus agentes, sem, no entanto, abdicar de seriedade e disciplina ao tratar de suas atividades enquanto um trabalho sério. Num aspecto mais amplo, esta pesquisa busca contribuir para uma escassa

bibliografia produzida sobre a área, dialogando com as literaturas que se aproximam do tema e ressaltando as formas como estas se aproximam.

Objetivos específicos:

a) Analisar as relações profissionais entre equipes e integrantes de equipes de sound system em um contexto de apoio mútuo e coletividade que vai contra a lógica capitalista hegemônica de competição e se propõe um formato de resistência cultural e política fundado numa forma de pensar e agir específica, atrelada ao som e seu potencial de representação e propagação de uma mensagem.

b) Analisar em que níveis estas relações ultrapassam a esfera profissional, ao possibilitar vínculos de amizade que transpõe os espaços ditos de trabalho para atingir espaços do que seria a vida privada, e de que formas os vínculos construídos para além desta esfera reverberam neste trabalho.

c) Analisar as formas como as perspectivas de paixão pessoal, resistência cultural e trabalho interagem nos discursos destes interlocutores nas formas como compreendem e representam sobre suas atividades.

d) Compreender o que representa o trabalho sério para estes interlocutores quando ressaltado pelos mesmos, isto é, analisar a razão pela qual os sujeitos

consideram relevante expressar que sua atividade é, de fato, trabalho.

e) Identificar em que momentos as diferentes representações sobre a atividade são mobilizadas, isto é, em que situações a atividade é identificada enquanto trabalho, ou enquanto lazer/diversão, enquanto arte ou resistência cultural.

Materiais e Métodos

A pesquisa tem sido realizada através de entrevistas semi-estruturadas e observações registradas em diário de campo, a partir das experiências em bailes na cidade de São Carlos-SP. Como já mencionamos, a entrada em campo foi facilitada pela participação constante nos bailes de sound system e pelo contato com integrantes de equipes em São Carlos. Por meio desse contato, foi possível acompanhar processos que envolvem a construção de um baile antes mesmo de sua realização, como o preparo do espaço e montagem do sound system.

O trabalho de campo durante o baile mostra-se proveitoso tanto para a observação do trabalho das equipes quanto por permitir o acesso ao conjunto de significados através dos quais estas equipes se movem. Na posição de observadora participante, o corpo da pesquisadora em campo é a todo tempo atravessado pelas chamadas wavebands a caracterizar um baile (HENRIQUES, 2011). A observação vê-se atravessada

por uma cultura que se compreende sônica e desafiada por isso. Permitir-se atravessar e constituir tal conjunto de significados tem sido parte fundamental do processo de compreender os referenciais destes interlocutores.

A observação participante tem se mostrado bastante proveitosa também por possibilitar o contato e aproximação com novas equipes e seus integrantes. A presença constante de equipes em bailes produzidos por outras, para além de proporcionar esta aproximação, é uma relevante observação para a presente pesquisa, ao reforçar os vínculos entre equipes como característica marcante da cultura sound system. Nesse sentido, a complementação entre entrevistas e diário de campo é enriquecedora para a pesquisa não apenas por possibilitar uma perspectiva que analise a produção do trabalho destes interlocutores em seu momento crucial de interação direta com o público, como também por serem as entrevistas resultado direto dos contatos ofertados pelo campo.

Um diário de campo também está sendo realizado a partir da observação de bailes na cidade de São Paulo, bem como entrevistas serão realizadas com membros de equipes da cidade. O propósito aqui é produzir um referencial e pano de fundo para nossa análise, permitindo-nos debruçar mais especificamente sobre o período inicial do surgimento da cena sound system na

capital paulista e, portanto, no estado de São Paulo. Este complemento é sensível à nossa análise por permitir compreender como os sound systems se inserem e fortalecem no cenário cultural paulista possibilitando a propagação dos mesmos para o interior. Em trabalho de campo foi possível observar a interação direta entre o Dubversão Sistema de Som e equipes da cidade de São Carlos na produção de um baile, momento crucial para observação de manifestações de respeito e admiração entre as equipes expressada pela reiteração das trajetórias dos presentes. As noções de trajetória e fortalecimento para com a cena sound system tem sido também repetidamente encontradas em campo.

A bibliografia mobilizada, por um lado, compreende as discussões pertinentes ao trabalho artístico de forma a dar suporte à análise do trabalho numa esfera onde aspectos da vida pessoal atravessam a vida profissional a todo instante. Nesta frente, as relações produzidas entre as equipes e seus integrantes estão sendo analisadas sob uma lente que busca compreender e apontar as complexas formas como o trabalho é compreendido e mobilizado ao se vincular, também, à diversão, lazer e resistência cultural. A demanda destes interlocutores por reconhecimento de suas atividades como trabalho e o meio pelo qual isso se expressa inclusive através de

suas produções artísticas é um ponto chave para esse debate.

Por outro lado, a bibliografia voltada à flexibilização do trabalho opera como pano de fundo e contextualização para compreender onde estas interações se alocam. Para além, esta bibliografia nos possibilita compreender as formas como o trabalho é compreendido nos dias atuais e de que forma essa compreensão atravessa os discursos produzidos sobre o mesmo. Uma vez que os interlocutores trazem a noção de trabalho à tona a todo momento, entender a forma como esta noção é percebida e construída é essencial para compreender também as especificidades do trabalho apontado por estes e de que forma este se contrapõe e dialoga com a noção corrente.

Resultados e discussão

Compreende-se o trabalho artístico como sendo marcado por forte característica de flexibilidade. Orientado por vínculos de curta duração e projetos, este trabalho não pode compreender a noção de estabilidade, estando seus profissionais constantemente em busca e disponíveis para oportunidades de trabalho (MENGER, 1997). Para as equipes de sound system que esta pesquisa acompanhou até o presente momento, esta característica é também presente e a construção de um nome e alcance de reconhecimento nesta cena dá-se através dos bailes realizados, das

parcerias com outras equipes e artistas e também de suas produções próprias, quando estas acontecem. Para divulgação dos bailes, as equipes a selecionar são apresentadas sempre com uma breve descrição de sua trajetória na cena sound system acompanhada de nomes com os quais tal equipe já teve a oportunidade de trabalhar e produzir.

O entendimento de que o resultado do trabalho no fazer artístico não pode ser exclusivamente relacionado ao trabalho do artista, senão também de outros profissionais envolvidos bem como do público para o qual tal artista se apresenta (BLASS, 2009) é a todo tempo explicitado no ambiente do baile. Foi possível observar, mais de uma vez em campo, seletores falarem ao microfone sobre como *“isso aqui (o baile) não seria possível sem vocês(o público)”*. Esta fala, da forma como a pesquisa percebe, dirige-se tanto há uma possibilidade palpável, no que diz respeito ao aspecto material de gastos de um baile quanto ao aspecto cultural, para o qual a experiência do baile é intimamente ligada a uma experiência coletiva.

Nesse sentido, a necessidade de manter uma rede de contatos que possibilite ao artista acessar oportunidades de trabalho (SEGNINI, 2007) que é característica do trabalho artístico, se apresenta no meio sound system enquanto uma rede de contatos que possibilita a construção de parcerias.

Artistas/equipes convidados para se apresentar fazendo seleção em bailes amplificados por outras equipes recebem cachê das mesmas sem, no entanto, que esta seja lida como uma relação contratado/contratante de maneira estritamente profissional e distanciada. Pelo contrário, há na interação entre equipes convidadas e as que as convidam a construção notável de vínculos pessoais, que para os próprios integrantes das equipes é compreendido como parte essencial do trabalho.

“Tem a galera que eu conheci porque a galera era do sound. Hoje os cara são meus brother, parceiro. Teve outros que eu já conhecia, aí depois os cara se envolveram com o sound e por nós já sermos brothers rola essa autonomia de falar sobre o sound, essa tranquilidade de abordar um assunto que é no nível pessoal. É profissional né, mas pessoal. (...) Tem amigo que eu fiz por causa do sound e se tornou amigo particular mesmo até de outras fitas que não dizem respeito ao sound e amigos que já eram amigos e depois se envolveram com sound e isso facilitou nossa troca de experiencia sobre o sound. E também fortaleceu talvez a amizade por ser mais coisa que a gente partilha, mais coisa que a gente troca.” (Entrevista Seletor Camilo, 2018)

A presente pesquisa, encontrando-se em momento de desenvolvimento, vê-se ela mesma respaldada nesses vínculos que possibilitam, na atividade do campo, o

contato com os potenciais entrevistados que não necessariamente ali estão por uma questão profissional, senão para prestigiar o trabalho de seus amigos e a própria cultura sound system. O baile se apresenta enquanto momento de materialização mais palpável da cultura sound system. Nele são sensíveis as interações entre membros de equipes, de equipes com outras equipes e da equipe com seu público.

Julian Henriques (2011) compreende o fazer artístico das equipes de sound num baile como sendo guiado pelo que ele chama de “pensar através do som”, uma forma de pensar e compreender que não é sustentada exclusiva e principalmente por uma linguagem. O momento do baile pode ser compreendido como constituído pelo que o autor apresenta como três wavebands, sendo elas: a waveband material, que diz respeito ao som produzido pelo sistema de som, bem como à forma e qualidade com a qual este se propaga pelo espaço físico do baile; a waveband corporal, que se constitui na performance da equipe durante o baile (seleção dos vinis e interação com o público) e na dança e reações do público presente; e waveband sociocultural, o conjunto de percepções e identificações que fazem o baile fazer sentido para o público considerando seus sentimentos e compreensão da cultura sound system, vinculados à construção histórica da cultura sound system

enquanto propiciadora de um espaço de resistência cultural e política.

A observação participante tem permitido acompanhar a forma como o trabalho das equipes de sound é composto por um entrelaçar constante entre seriedade e prazer. As expressões faciais destes interlocutores durante um baile demonstram hora concentração e seriedade, seja na operação do sistema ou na seleção dos tunes, hora prazer e satisfação para com o som e as reações obtidas com o mesmo. A equipe reage ao baile e ao público como sendo também parte do baile, uma vez que a proposta colocada para este é que o destaque seja a própria música, mais especificamente, o *reggae music*.

“Rewind ma selecta”

O principal espaço a abrigar bailes de sound system na cidade é um bar. Pequeno, ligeiramente baixo e completamente fechado, o espaço, nesta noite, estava iluminado por três lâmpadas principais, sendo elas verde, amarela e vermelha. As cores da bandeira da Etiópia, também as cores do reggae. Ao entrar pelo corredor que desemboca no salão, avista-se já ao fundo a mesa de som com toca e discos sobre a mesma. De frente para a mesa de som, a quinze graus de desalinhamento com a mesma, o sound system se posiciona virado para todo salão. Quase tocando o teto com seus mais de dois metros de altura, o

sistema de som é composto em sua base por duas scoops, cada qual com seu falante, caixas responsáveis por garantir os graves durante o baile. Sendo as maiores caixas, as scoops dão suporte para as seguintes e caixa sobre caixa o sound system se ergue. Das frequências mais graves, de ondas largas, posicionadas no chão às mais agudas no topo do sistema, o sound system é posicionado de forma estratégica, considerando a acústica, a propagação sonora.

No canto direito do salão, ao entrar, fica o bar. Duas mesas de sinuca antecedem o mesmo e em torno delas algumas mesas e cadeiras se espalham pelos cantos. No pico da noite, pessoas se espalham por entre as mesmas para conversar, jogar sinuca ou observar a pista, balançando o corpo. Na pista, entre o sistema de som e a mesa, algo em torno de trinta pessoas se espalham para dançar. As expressões observadas oscilam entre olhos fechados, sorrisos largos, algumas expressões mais sérias. O movimento das danças se intensifica conforme as frequências mais graves são liberadas pelo sistema de som. Atrás da mesa o seletor e operador da equipe dança enquanto seleciona o próximo tune entre os discos de sua coleção. Sua expressão é atravessada por uma seriedade concentrada que se mistura a sorrisos de satisfação acompanhados de um balançar de cabeça que reage

positivamente ao som. Esta equipe veio da capital, convidada por outras duas equipes da cidade, para fazer a seleção do baile. Uma das equipes que a convidaram é a mesma a amplificar esta sessão e todas selecionaram em momentos distintos da noite.

O tune que tocava acaba, finalizado com um eco, característico do dub. Parte do público bate palmas, há gritos de “pow” e braços para cima. Quando o som da agulha encostando no próximo disco ressoa nas caixas e o próximo tune se inicia, observa-se uma forte reação no público que pula com os braços para cima gritando “pow! pow! pow!”. Saindo de sua posição na portaria, uma das seletoras da equipe da cidade vem em direção à pista gritando “pow!” e, ainda, “rewind!”. É possível notar uma forte sensação de euforia se espalhar pelo baile, o seletor reage à mesma e ouve-se o disco voltando no toca enquanto palmas, gritos e pulos se espalham. O tune se incia mais uma vez, todos gritam um tanto mais até que os gritos se transformam em danças. A seletora que gritava “rewind” dança empolgada ao meu lado. Ouço-a dizer “eu não acredito que ele soltou essa” com um sorriso largo enquanto movia o corpo em meio a pista.

A fala “rewind” ou ainda “rewind ma selecta” é um pedido para que o seletor volte o disco e inicie o tune mais uma vez, diz-se assim quando o tune em questão é pesado demais gerando grande

comoção no público. Esta fala e pedido, comuns de se observar em campo, podem ser compreendidos como uma demonstração da centralidade da música para a cultura sound system. “Quando o tune é bom, a gente volta mesmo” é o que costuma-se dizer nos bailes. O rewind se apresenta como uma chance de sentir a música bater mais uma vez, com mais atenção. O movimento da seletora da equipe da cidade de sair de sua posição na portaria para pedir o rewind apresenta a satisfação encontrada no trabalho exercido, um trabalho que se dá por e através da música e para o qual a experiência sensorial mediada pelo corpo é ferramenta fundamental.

Observar a satisfação da seletora ao falar que não acreditava que aquele tune estava tocando permitiu à pesquisadora perceber a admiração desta pelo trabalho do colega convidado. A equipe convidada é a primeira equipe de sound system do estado de São Paulo e já havia, dois anos antes, comparecido a São Carlos para a seleção em outro baile, convidada pela mesma equipe da seletora em questão. A forma de interagir entre as três equipes presentes neste baile é amistosa, descontraída e respeitosa. Antes da equipe convidada iniciar sua sessão, outra seletora da equipe da cidade faz sua apresentação no microfone, falando ao público dos anos que esta equipe percorreu até ali e de sua relevância para a cena sound system.

A demanda por repertório e experiência em projetos diversos que o trabalho artístico apresenta (BLASS, 2009) é atravessada na cena sound system por um valor político de resistência, que torna esta experiência e sequência de envolvimento em projetos distintos não apenas um “portfólio” para determinado artista/trabalhador, senão também um acréscimo para a cultura sound system como um todo. Ao demonstrar admiração por determinada equipe e ou artista/trabalhador, o que é exaltado também é a contribuição para que a cena possa existir e permaneça se propagando. A admiração pelas pessoas está atrelada a admiração pela existência de uma cultura que se vê posta às margens e que, pelo trabalho destas, consegue seguir se expressando.

Nesse sentido é possível refletir sobre como trabalho se expressa enquanto uma materialização da identidade pessoal do artista e como o valor social do mesmo pode potencializar sua centralidade na vida do indivíduo em questão (BENDASSOLI, BORGES ANDRADE, 2010). Um, ao crescer no meio sound, representa o fortalecimento da própria cultura e suas conquistas somam a esse caráter de resistência. A admiração para com o trabalhador/artista, é uma admiração também pelo trabalho sério no sentido da missão, que parte da compreensão que a cultura sound system precisa ser preservada e propagada frente

a uma lógica social que a marginaliza e invisibiliza. A identidade pessoal do artista passa a ser permeada pelo valor social do trabalho pois o próprio reconhecimento obtido enquanto trabalhador/artista no meio sound system é um reconhecimento que transpõe a própria individualidade para escoar numa conquista coletiva.

Esse entendimento do trabalho sério enquanto uma missão, uma forma de resistência cultural e política, é uma característica do trabalho em sound system fundamentalmente sensível a essa pesquisa, por complexificar a seus próprios modos a questão levantada por Norbert Elias sobre como “[...] ser socialmente reconhecido como artista e ser, ao mesmo tempo, capaz de alimentar sua família” (ELIAS, 1995, p.17), ou seja, para esses interlocutores, o entendimento do trabalho com sound system como um ato de resistência não torna a demanda por retorno financeiro menos importante ou necessária para sua execução. Pelo contrário, o que se pode observar é a busca pelo reconhecimento de suas atividades como trabalho sério também no sentido de ser um trabalho que busca e merece remuneração ao mesmo tempo que apresenta potencial político de mudança.

“Damos graças pela força que temos para carregar essa cultura para além de um monte de caixas de som! O que fazemos é revolução! Lutar contra o sistema! E mostrar um mundo livre para os nossos, em que

eles possam lutar por tudo aquilo que quiserem. Já riram de mim falando que não existe cultura, que é só um monte de caixa. Mas eu sei que é muito além! Que fazer Sound System no Brasil é ser tirado de louco a cada segundo. É pagar caro pelos equipamentos e contratante querer que você toque de graça. É você ficar meses e meses planejando um evento pra no fim ter que tirar dinheiro do bolso pra pagar atração. E ainda falam que você faz por ego. (...) Então não menospreze nossa cultura! Sound System Culture existe sim! E lutamos por ela! Acreditamos na força do reggae!” (Declaração Seletora Lioness, 2018)

Para a presente pesquisa, o que é possível compreender é a forma como a resistência da cultura sound system e os esforços investidos em sua manutenção, é também uma luta para que exercer suas atividades passe a ser reconhecido enquanto um trabalho que mereça ser pago. Uma busca por legitimidade em sua condição de trabalho. Para esses interlocutores não há conflito em compor um movimento de resistência cultural e política ao mesmo tempo que são remunerados por isso, pois é justamente, também, na capacidade de tornar a produção de cultura sound system um trabalho sério e legitimado que reside tal resistência.

Frente a essas características e conflitos observados no trabalho com sound system, o que compreende-se até presente momento da pesquisa, através de conversas informais em campo com

artistas/trabalhadores da área, é a tendência a ter-se mais de uma atividade como fonte de renda. A estratégia de múltiplas atividades realizada pelos trabalhadores do campo das artes (SEGNINI, 2011) é recorrente também para a cena sound system, sendo ainda possível observar que, no geral, entre as atividades exercidas, a realização dos bailes e desenvolvimento do sound é a que mais demanda investimentos sem necessariamente trazer algum retorno, o que pode ser justificado pelo alto envolvimento afetivo que estes trabalhadores apresentam ter com estas atividades.

Como já apontado aqui, o envolvimento afetivo com seu trabalho leva a fronteiras não bem delimitadas entre trabalho e não trabalho, lazer e trabalho, vida pessoal e vida profissional, diversão e trabalho (BENDASSOLI, BORGES ANDRADE, 2010). Para estes interlocutores este borramento é também presente sendo, ainda, a todo tempo atravessado pelo caráter de resistência cultural e política aqui apontado. “É sound system, é diversão trabalho sério” são palavras da letra Tupinikingston (2009) que expressam a pluralidade de sentidos que o trabalho com cultura sound system carrega e os quais nos propomos a analisar aqui. A diversão como parte da satisfação pessoal que estes interlocutores encontram no *reggae music* e seu universo é, muitas vezes, o que os

leva ao trabalho sério, que tanto é uma missão a longo prazo por uma cultura que luta para existir, quanto um trabalho do aqui e agora e que merece remuneração.

Conclusões

O paradoxo de Mozart é compreendido como o conflito vivido por trabalhadores do ramo das artes ao ter de gerir e equilibrar uma busca por liberdade de criação e autonomia em seu fazer artístico e a necessidade de agradar e cativar o público a consumir o que por ele é produzido (BENDASSOLI, WOOD, 2010). Este conflito gira em torno da necessidade de gerar renda fazendo regulação à liberdade criativa do artista que necessita de seu público para se sustentar. Para os artistas/trabalhadores da cultura sound system o reconhecimento em seu meio vem já em um contexto de cultura às margens e invisibilizada, e a aprovação a ser alcançada virá de um público específico já familiarizado e frequentador do universo *reggae music*.

Considerado isso, pode-se pensar o movimento destas equipes como um movimento em torno de buscar reconhecimento para a cultura como um todo, atingindo novos públicos e espaços. O que observa-se é uma compreensão geral de que é preciso que a cultura se espalhe territorialmente e se fortaleça, para que, assim, as próprias equipes possam fazê-lo, e vice-versa. Os múltiplos sentidos

encontrados no “trabalho sério” dessas equipes, enquanto missão e trabalho, são também duas faces da mesma moeda, estando diretamente ligadas a uma busca por reconhecimento tanto das mensagens a se passar quanto de seu trabalho sendo encarado com seriedade e digno de remuneração.

Até o presente momento da pesquisa, o que pode-se concluir por definitivo é a complexidade de tal objeto para a sociologia do trabalho, especificamente do trabalho artístico, pela forma única a qual seus interlocutores pensam e fazem trabalho em seu dia a dia.

Bibliografia

Bendassolli, P. F., Borges-Andrade, J. (2010) O significado do trabalho nas indústrias criativas. Revista de Administração de Empresas. v. 51, n.2, pp. 143-159

_____; Wood, T. (2010) O Paradoxo de Mozart: Carreiras nas indústrias criativas. Revista Organização e sociedade. v.17, n.53, pp. 259-277

Blass, L. (2009) Trabalho no fazer artístico. Ponto e vírgula. n.6, pp; 49-63

Boltanski, L., Chiapello, E. (2009) O novo espírito do capitalismo. (1ª ed.) São Paulo: Editora Martins Fontes.

Borges, V. (2003) A arte como profissão e trabalho: PierreMichel Menger e a sociologia das artes. Revista Crítica de Ciências Sociais. n.67, pp. 129-134.

Braverman, H. (1980) Trabalho e capital monopolista. (3ª ed.) Rio de Janeiro : ZaharEditores.

Coriat, B. (1993) Ohno e a escola japonesa de gestão da produção: Um ponto de vista contínuo. In: H. Hirata (Org), Sobre o modelo japonês: Automatização, novas formas de organização e de relações de trabalho (pp. 79-91). São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo. Elias, N. M. (1995) Sociologie d'un génie. Paris : LeSeuil,

Harvey, D. (1996) Condição pós-moderna. (17ª ed.) São Paulo: Edições Loyola.

Henriques, J. (2011) Sonic Bodies: Reggae Sound Systems, Performance Techniques and Ways of Knowing. (1ª ed.) Londres e Nova York : Continuum.

Menger, P.-M. (2002) Portrait de l'artiste en travailleur. Paris: Seuil.

Pina, M. R. M. (2015) Work Hard Party Harder: O Trabalho dos DJs no Lazer Noturno de São Paulo. In VIII Seminário Nacional Sociologia & Política, Curitiba, Brasil, Maio de 2017.

Segnini, L. R. P. (2011) À procura do trabalho intermitente no campo da música. Revista Estudos de Sociologia. v. 16, n. 30, pp. 177-196.

_____. (2007) Criação rima com precarização: análise do mercado de trabalho artístico. In Anais XIII Congresso

Brasileiro de Sociologia, Recife, Brasil,
Junho de 2007.

Schumpeter, J. A. (1982) A Teoria do
Desenvolvimento Econômico. São Paulo :
Abril Cultural.

Agradecimientos

Agradeço à XXV Jornada de Jovens
Investigadores AUGM por possibilitar a
apresentação desse trabalho. Agradeço à
orientadora Aline pela atenção e
direcionamentos. Agradeço a Sound
Sisters, Original Groove, Tricoma Dourado
Sounds e todos aqueles que trabalham
diariamente para manter a cultura sound
system viva. Agradeço especialmente a
Camilo e Dudu pelas conversas e
confiança. À Biroasca, pelo crescimento e
pelo apoio. Ao parceiro João, pela
inspiração e histórias compartilhadas.
Agradeço à minha família, Doralice,
Emanoel e Júlio, pela paciência e
dedicação. À Janaina, por acreditar e por
partilhar dessa caminhada. E por fim,
agradeço à Manu, pelos ouvidos atentos e
sabedoria compartilhada.